

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

A BATALHA



Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 950; Província, 3 meses 2850; África Portuguesa, 6 meses 6650; Estrangeiro, 6 meses 10250
PAGAMENTO ADIANTADO

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2346

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

DOMINGO, 25 DE JULHO DE 1926

As "forças vivas" vão ver reconhecidos os seus direitos de espolar a população

As "forças vivas" vão estando mais atrevidas, sem dúvida, por se sentirem já em terreno conquistado — e conquistado sem o menor sacrifício, sem a detonação de um tiro! Elas ameaçam as caras regalias do operariado, os parcos recursos do consumidor, a brandura de toda uma população. Deliram, tornam-se loucas perigosas, na ansia de tudo e todos dominarem, para monopolizarem o país, a vida da população, a terra, a água, o ar, a luz!... Tudo fechado na sua mão, nos seus cofres. Tudo dominando do seu balcão. Que maravilha, sentem-se forte e sós para reduzir uma população inteira que, reduzida a uma inumerável manada de gado lanígero, seria de imolar-se à sua engorda.

Já não são, apenas, as oito horas, os salários, as condições de trabalho, que as "forças vivas" pretendem moldar à sua negregada ganância. A vida e o interesse dos consumidores também passarão a ser privilégio exclusivo de negociantes e vendilhões. Os vendedores de víveres não se demoram a seguir o exemplo da Associação dos Lojistas. Lá foram ontem reclamar do governo que lhes fosse dada a liberdade de roubar, não se mantendo leis e decretos que coíbam a alta de preços, o desviamento dos lucros. Não querem que os açambarcadores e especuladores sejam mais perseguidos, que os preços de consumo sejam fixados e fiscalizados.

Não querem, mesmo, que se dessemprimente a ficção dos seus julgamentos—que nunca se efectuam senão para enganar o ingénuo consumidor que supõe-se defendido desinteressadamente por uns sujeitos que têm a sua fatia no bolo dos negócios ilícitos.

E o governo—ora, pois—vai satisfazer-lhes o desejo: o tribunal dos açambarcadores, que nunca teve efeitos, senão para obrigar o consumidor a pagar as multas impostas a raros comerciantes, vai desaparecer. O amorio Tribunal dos Açambarcadores vai ser extinto. A's reclamações dos vendedores de víveres prometeu o ministro da Justiça dar-lhe toda a atenção, aquela atenção que não merecem as reclamações das classes espoliadas.

Vamos, enfim, sentir o peso brutal da ganância impune e desenfreada das "forças vivas", num momento em que a casta de saqueantes e especuladores se julgam com direito incontestável a subordinar os interesses da população, que produz o que se vende e consome por alto preço o que produz, dos mesquinhos e particulares interesses de comerciantes.

E à população só fica o recurso de protestar sem deixar de ser agredida—em nome da ordem pública...

"A Batalha" foi nomeada sócia benemérita da Liga dos Amigos dos Hospitais

Recebemos a seguinte carta: Sr. Director:—Tenho a honra de comunicar a v. que em sessão da assembleia geral extraordinária desta Liga, ontem realizada sob a minha presidência, foi proposta pela comissão executiva e aprovada por aclamação, a nomeação desse jornal como sócio benemérito da Liga dos Amigos dos Hospitais, em testemunho de reconhecimento pelos valiosos serviços que à mesma tem prestado. Oportunamente será enviado v. o diploma da nomeação.

De v. etc., o presidente, José Pontes.

A Batalha sensibilizada com a resolução da benemérita Liga dos Amigos dos Hospitais, envia-lhe a expressão do seu profundo reconhecimento e declara francas as suas colunas para a defesa de todos os assuntos que possam interessar à vida dos hospitais.

INSTRUÇÃO

Os professores de educação física dos liceus, procuraram ontem, novamente, o sr. ministro da instrução para tomarem conhecimento da sua resposta à reclamação por eles apresentada na véspera. O sr. dr. Artur Ricardo Jorge declarou que mandara suspender a circular que aqueles professores tinham restringido direitos nos conselhos escolares.

Lêdo o Suplemento de A BATALHA

A ANSIA DE ENRIQUECER... Prossegue o rosário escandaloso das burlas da Inocência das queixas das "inocentes" vítimas

PORTO, 23.—O caso popularmente conhecido pelo da «Inocência» foi, infelizmente, um vulcão de lama que erupcionou em condições bem tristes. É certo que este eminente e desastroso caso de burla reciproca são sinais bem vindos do tempo — são lógicos reflexos transmitidos para a «baixa» pelas altas vigarices, pelas elevadas roubafeiras de longa data efectuadas pelas classes predominantes que orientam a porca da nossa sociedade...

O acontecimento de mútua patifaria rapinadora que se desenvolveu à volta da referida «Inocência», foca bem o estado de devorista, a situação moralmente desagregadora, a que toda a nossa declinante civilização está a chegar.

Temos de rectificar a opinião expendida: não se trata, como dissemos, da exploração do homem pela mulher, em substituição à fórmula da exploração do homem pelo homem, mas da exploração da mulher pelo homem — porque outra coisa não significa essa verdadeira quadrilha de *soute-neurs* — só moral e monetariamente falando, é claro — que se criou desavergonhadamente para *cravar* nos negócios da dita «Inocência»...

Nós não queremos fazer romance desta questão. Tão somente pretendemos explicar que sentimos uma profundíssima mágoa por estarem envolvidos neste vigarizante negócio indivíduos que, pelo seu passado, pelas suas afirmações, pelo seu conhecimento entre as classes trabalhadoras, tinham uma maior obrigação moral de se não deixarem embelescar nessa nojice que se avolumou em derredor daquela que, a final, foi a que menos vigarizou...

Porque, sejam francos: não foi a Inocência, como erradamente a princípio supozemos, que explorou, que roubou, os «inocentes» depositantes. Estes, num número restrito, é que chuparam, é que larapiaram a «Inocência». Esse número restrito de devoristas é que conseguiu de terceiros, de quartos, de quintos, avultados capitais para serem emprestados, ou antes: depositados nas mãos bancocráticas da Inocência. Esse número restrito de rapinantes intermediários, recebia da banqueira o juro de x e pagava aos terceiros, aos quartos, aos quintos, a razão de u, e q — cujos terceiros, quartos e quintos foram formando uma outra rede de relações prestamistas por sua conta.

Directamente com a Inocência só inocentemente estava uma meia dúzia de tratantes... a aproveitar-se da finura da negociante jurista...

Enquanto a Inocência foi girando com um depósito de duzentos ou trezentos contos, bem a coisa esteve: ponto esse dinheiro no negócio da arrematação, por ocasião de leilões, alandegaria; no subsídio de contratos de bilhetes ou de novos empresários do estúpido, do bestial, selvagem jogo de *box* ou *futebol* — ela ia conseguindo cobrir, com os lucros do seu negócio variado, os juros de 100000 por cada 1.000 escudos aos devoristas sem capital, pagando estes, por metade ou menos de metade, aos verdadeiros donos do capital que o emprestaram aos directos correspondentes da Inocência. E estes directos correspondentes punham, então, a dinheiro roubado por aquele processo, a render, junto com os juros, muitas vezes, daqueles que lhes confiavam dinheiro, na caixa da aludida Inocência...

E assim se foi multiplicando o dinheiro, pela velocidade da multiplicação dos pães de Cristo, de muitos pelintras — até que, desequilibrando-se a *bateira*, visto que o capital depositante, mercê da acumulação dos juros sobre o capital e sobre os próprios juros dos juros, chegou a tal ponto e impeditivo de se o poder empregar todo em negócios seguros — se tornou impossível pagar os compromissos a todos, vindo-se obrigada nesta altura pela força da empenhosa das necessidades, a aceitar todo o dinheiro que lhe entregavam, a fim de poder tapar um buraco deixando logo outro a descoberto. Até que... se descobriu o escândalo...

Quere isto dizer que a Inocência não tinha a sua cota de responsabilidade? Não; quere isto significar que à quadrilha de comilões, de viveedores, de vigaristas intermediários que foram jogando com o capital alheio — pertenciam, repetimos, criaturas que, pelo seu passado, pelas suas afirmações, deveriam ter mais um pouco de senso, de dignidade, de cautela... Entre elas há um tal Albino Pinto de Magalhães, antigo propagandista da classe dos alfaiates, antigo defensor dos inquilinos, antigo militante da questão operária, e anti-clerical. Julgando que o mundo... vigarizante nunca se acabava, chegava a dizer: «Quando era ateu, a vida corria-me sempre torta. Agora que já creio em Deus, a minha vida corre mais desanuviada, mais feliz...»

Poderá o caso que o negócio explorativo era tão mau, que até já tinha mobilidade, piano; já tinha emmissões de tesouras e o dedal no depósito arqueológico das antiguidades; já tinha garantido, nos lautos jantares que dava, seguidos de *jazz-band*, que jámalis trabalharia; já, pela graça de Deus, a sua família podia ir passar um tempo às termas ou aos campos; já, enfim, ia a caminho da sua máxima aspiração: da compra duma quinta e dum automóvel... porque os combóios são incómodos e abafados neste tempo...

Mas como o cão lhe... tolnheu a carreira, sendo-lhe agora confiscada a mobilidade, dissipado o seu róseio sonho, lá vai pegar nas tesouras, no dedal, nas agulhas...

Em face desta parrelha de coices dada pelo Deus... da sorte arrezvada, glornar-se-há ateu?

E lembrarmo-nos de que há um outro, o Ribeiro Dias, o nosso Ribeiro, o qual, julgando-se, pelo mesmo processo, à borda duma *ribeira* de ouro em pó, já arquitecava, daqui por uns dois anos, comprar uma cozinha e umas terrinhas... na terra, para passar o resio da sua vida muito pequeno — burguezmente e longe das lides operárias dos propagandistas revolucionários e emancipadores. E para esta exploração há quem afirme que se desfez duma *coisinha*... para refazer uma *fortuna*... à custa de embroglhões... São estas criaturas de palavras proselitismo e de *molesas* sentimentais, idealistas e de consciência... que empanam os efeitos duma propaganda sã...

Que lástima! Como o caso da «Inocência», a mais inocente de todos, foi um vulcão de lama que se erupcionou em condições bem tristes...

Mas, senhores, são sinais dos tempos, reflexos lógicos da banalidade do alto transmitida aos de baixo... C. V. S.

LOIÇA... DE SACAVEM



«Mandem mala com roupa e caixa de tintas. — GOMES DA COSTA».

(Dos jornais).

O AGUADELISTA:—Ora vamos lá retocando este... prato, enquanto mo não quebram.

Um padre ameaça de ex-comunhão um leitor da "Batalha"

SANTA CATARINA, (Tavira) 23.—O povo desta freguesia é humilde, trabalhador e bom, mas vive infelizmente sob a tirania dum padre que o explora, avilta e escarnece, escudado na crença religiosa que os pobres fieis alimentam.

Está ainda bem vincada na recordação de toda esta gente, a forma despótica e insolente como aquele ministro da religião procedeu por ocasião do falecimento duma bondosa senhora que por não ter casado religiosamente ou por qualquer outro motivo que ignoramos, levou a sua vingança a ponto de impedir que o cadáver penetrasse na igreja o que causou uma tal indignação e repulsa a todas as pessoas que assistiram a tão extranha acção que por pouco lhe não faltaram ao respeito. O caso foi comentado acaremente.

A sua predica aos domingos, no templo, versa essencialmente sobre mexericos de soalheiro que durante a semana os seus prosélitos lhe vão segredar. Assim, e duma forma indiscreta vai beliscando e ofendendo os paroquianos constantes da alcovite e como aquilo que lhe contaram está quasi sempre muito longe da verdade, acontece que o homem tem passado por situações verdadeiramente deprimentes e vexatórias. Desmascarado, fica reduzido à baixa condição de caluniador.

Foi o que aconteceu com o seguinte facto cujas provas esmagadoras demonstram duma maneira claríssima quanto o sujeito calca com os seus próprios pés, a doutrina que prega:

Há pouco tempo encontrando-se o professor desta freguesia na igreja, na altura em que estava com a sua parlada enfiada, ouviu com muito espanto a seguinte afirmação que indirectamente o visava.

«Os alunos de determinada escola, não só não aparecem na igreja para aprender a doutrina, como ainda vêm para a porta da sacristia fazer figas e caretas aos que cá estão. Ora, pergunto: se os pais, evidentemente, não os mandam, quem os manda, pois? Faço a pergunta. Cada um que responde».

Tal insinuação, falsa e tendenciosa, revelava claramente um fim: criar no espírito dos pais das crianças, valendo-se da sua triste ignorância, pois são na quasi totalidade analfabetos, uma certa relutância em mandar os filhos à escola do professor atingido, na dúvida de que sejam mal educados, persistindo sempre que não devem mandar os filhos a uma escola onde o mestre não ensina o catecismo e diz às crianças que não há Deus. Que não ensina o catecismo é verdade, porque a escola oficial é neutra em matéria religiosa; agora, que não há Deus, é falso porque o aludido professor prova como tem mantido sempre dentro da escola a mais rigorosa neutralidade em religiões. O fim é este: conseguir que a escola não seja frequentada para manter as trevas nos espíritos à custa dos quais vive lentamente e com domínio absoluto.

Para este senhor não pode haver nesta freguesia a liberdade de pensamento. Tem de pensar todos como ele, e se alguém não vai à missa ou à confissão, ou se vai poucas vezes, aconselha os outros crentes a fugirem horrorizados dos que assim procedem, porque são indivíduos nefastos e cuja convivência é perigosíssima...

Há dias, tendo conhecimento que uma criatura desta povoação lia A Batalha, chamou-o a capítulo e intimou-o a que deixasse de ler tal jornal por ser diabólico. O homem, porém, embora um pouco assustado, continuou a ler o mesmo jornal. Novo ataque e ameaça de ex-comunhão e assim está quasi conseguido o seu desejo. Esse calvaheiro vai deixar de ler A Batalha porque o sr. prior não quer — quanto ele diga que o motivo é por o aludido jornal ter pouco papel... para embrolhos.

E' curioso tudo isto... mas é assim.

O "récord" da evasão foi batido em Chicago, onde os presos derubaram uma parede de dinamite

Mal refeitos do assombro que nos paralisou os dedos, deitámo-nos à transcrição da seguinte local publicada em L'Humanité de Paris:

«Nunca é agradável morrer, sobretudo quando se está sob sentença de morte decretada pela justiça de classe da livre América. Então, todos os actos de audácia são legítimos. Da mesma opinião foi um grupo de promettidos à «cadeia eléctrica», encerrados na «Cok County Jail», de Chicago. Ajudados por cúmplices, os presos fizeram saltar a parede da prisão com dinamite e tentaram evadir-se. Infelizmente, os guardas estavam alertas e chegaram depressa, vindo armados até aos dentes. Travou-se uma luta épica. Os prisioneiros tinham unicamente os punhos para baterem. Naturalmente, foram vencidos com facilidade e enclausuraram nos outra vez na geena, onde esperam o sobresalto fatal na cadeia eléctrica, símbolo de ordem em Chicago.

A crise burguesa em França Poincaré é apontado como campeão de luta

PARIS, 24.—Ao terem conhecimento da formação do novo governo, todos os deputados, ao chegarem à Câmara, declararam unanimemente que Poincaré fez um *tour de force*. Os membros da esquerda, do centro e do centro direito felicitavam vivamente o presidente do conselho pelos resultados obtidos. Alguns radicais socialistas formulavam reservas, ao passo que muitos outros se declaravam prontos a defender o ministério. Os socialistas e comunistas tomaram posição contra o governo, pela sua composição, agrupam uma maioria firme e estável supondo-se que alcançará uma minoria mínima de 350 votos de alguns radicais socialistas, actualmente descontentes, mas que naturalmente mudarão de atitude. O Senado acolheu favoravelmente a constituição do novo governo... (H.)

A GUERRA DE CLASSES Os mineiros ingleses não se quebrantam na sua luta super-humana contra o capitalismo

A greve dos mineiros prolonga-se há mais de dois meses, sem estar ainda em via de solução. Todas as negociações têm fracassado de encontro à cerrada intransigência de operários e patrões, os primeiros escudados na sua indestrutível razão, os segundos fechados no seu particular interesse.

A maior esperança, num acôrdo, se bem que fosse provisório, nasceu da mediania tentada pelos chefes da igreja protestante; mas esta intervenção nada tem conseguido de positivo, nem mesmo, consegue fazer que se apresente uma solução no domínio das realidades.

Uma nova conferência entre os chefes da igreja protestante e os dirigentes da Trade-Unions ficou aprazada para o fim da semana corrente. Pouco se pode esperar, contudo, dessa nova reunião.

Alguns financeiros andam já seriamente preocupados com o indefinido prolongamento do conflito mineiro. Foi tornada pública a opinião de um desses financeiros, segundo a qual a Inglaterra aproxima-se da ruína consoante se demore uma solução qualquer.

Uma das soluções apresentadas consiste num empréstimo à indústria carbonífera, até à importância de cinco milhões de libras. O reembolso seria feito pela contribuição de um «penny» por tonelada de carvão vendido. Assim, a maior parte do reembolso sobrecarregaria os mineiros que, de igual modo, ficariam com os salários reduzidos. E' que, dos lucros advindos da exploração industrial, 83 % caberiam ao pagamento dos salários.

O economista Wise propunha um adiantamento de 10 milhões feito pelos proprietários das «royalties», que seriam restituídos pelos proprietários das minas logo que a indústria se desafogasse.

Diversos banqueiros e várias personalidades industriais foram oferecer aos mineiros empréstimos que garantissem as subvenções. Mas os operários declaravam sempre que não se interessavam pelo financiamento da indústria e os proprietários,

por sua vez, denegaram igualmente um interesse semelhante. Ficou, em face dos mineiros, a decisão acerca da reorganização industrial. Porém, Cook, o activo secretário geral da Federação, fez sentir que aqueles patrões que tivessem necessidade de modernizar os seus processos industriais, e disso fossem impedidos pela falta de capital, aceitariam, sem constrangimento, um empréstimo a longo prazo.

Os quatro dirigentes da Federação dos Mineiros, Smith, Cook, Richards e Richardson encontram-se agora em Paris, no intuito de assistirem à conferência internacional dos mineiros.

A exportação de carvão para Inglaterra será uma das questões mais importantes a debater nessa conferência, ao mesmo tempo que alguma resolução se tomará no que respeita à solidariedade para com os mineiros ingleses.

A boicotagem desejada em favor dos mineiros, encontra, infelizmente, dificuldades quasi insuperáveis. Primeiramente, os trabalhadores das docas e dos transportes não se dispõem a embargar o carvão estrangeiro. Na América, a boicotagem será depressa inutilizada pelo grande número de operários não sindicados, sobre os quais os sindicatos não podem exercer qualquer influência. Ao mesmo tempo, o governo inglês compra grandes quantidades de carvão na América e aceita os excessos dos estoques franceses das reparações.

Os mineiros ingleses manifestam o desejo de que franceses, belgas e alemães, na próxima conferência de Paris acordem definitivamente na maneira de reduzir a produção e de agir energeticamente no respeitante às exportações de carvão.

Por imposições do ministro da saúde, as casas de beneficência resolveram não subsidiar mais as mulheres e as crianças dos mineiros, unicamente lhes fornecendo refeições nos seus estabelecimentos. O governo chama todas as suas reservas, decidido a vencer os mineiros até pela fome, já que isso lhe é impossível em campo aberto, em luta leal.

Os guardas das oficinas da C. P. tomam uma atitude vergonhosa

Esta questão tem vários aspectos. Traze-las à publicidade, duma forma rápida mas clara, é contribuir para que se desfaça a sua engenhosa e emaranhada teia de inúmeras ramificações, alimentadas por criaturas sem escrúpulos, teia envolvente e enredadora, cujas vítimas sufocam ac seu apertado cerco.

Tudo foi antecipadamente estudado, antes de se pôr em execução e para o desempenho de todos os cargos, os mais infimos e indignos, apareceu gente, infelizmente.

E' tal o estado de egoísmo e desmoralização de certos indivíduos, que fácil se torna amoldar os aos mais ridículos e nojentos papéis, representados com a naturalidade de quem comete uma bela acção para com o seu semelhante.

E' o caso dos guardas das oficinas de Santa Apolónia. Se fosse possível arquivar nas nossas colunas todos os seus gestos, praticados contra os operários que mourem durante o dia, enquanto eles nada fazem, gestos causadores das grandes injustiças, A Batalha, teria que dedicar colunas e colunas de prosa áspera.

Basta, porém, que duma forma geral analisemos a missão desses guardas, para facilmente se deduzir a sua maravilhosa... acção nos despedimentos ou castigos do pessoal operário.

Recrutados no meio dos guardas reformados da polícia ou ex-guardas dessa corporação, eles são os melhores elementos que a Companhia poderia ter escolhido para a acintosa perseguição aos ferroviários. São ótimos auxiliares do engenheiro-gerente das oficinas gerais. São até mesmo muito piores do que este, porque sendo também uns explorados, não têm consideração alguma pelos que junto de si trabalham, nas condições deprimentes que vimos descrevendo.

Com o vírus que lhes foi inoculado na sua vida policial, os guardas das oficinas são uns autênticos *polícias à paisana*, não sentindo remorso algum nas perseguições que originam.

Rispidos para com os operários, incorretos e por vezes insolentes, alguns defendendo as ideias mais reaccionárias, de acôrdo com os dirigentes da Companhia, intrometem-se no trabalho do pessoal, numa atitude arrogante e boçal.

Apontemos alguns dos seus actos. Há tempos um operário encontrando-se na rua à hora do descanso vendo passar dois padres, exclamou irónico: *Já perdi uma corôa...* Um dos guardas que estava próximo e ouviu participou o caso, e sabe qual o resultado?

O operário foi castigado com meio dia! Quem nos lêr achará este facto estúpido! Pois foi assim mesmo.

Os guardas das sentinas não consentem que os operários troquem qualquer palavra quando ali vão. Na sua honrosa... missão de vigilantes, escrutam para dentro das retretes, a ver se algum ferroviário está descançando... contando os minutos de demora.

O chefe dos guardas recomenda-lhes que têm de apresentar serviço, feies, então, andam farejando por todos os lados. O mesmo chefe proíbe os referidos guardas de falar com o pessoal, tendo sido despedido um há tempos, por se dar bem com os operários.

Outro caso edificante: na oficina de fundição desapareceu um alicate. O dono desta oficina foi apalpaado. Esta humilhação foi o pessoal sofrido por várias vezes. Depois dos operários saírem foram os armários arrombados e revistados pelos guardas. O pessoal ao regressar da refeição indignou-se e parecia disposto a não trabalhar, sem que lhe fosse dada uma satisfação. Foi ne-

cessário o engenheiro e contra-mestre da secção apazigar os ânimos que se encontravam justamente exaltados.

Pois às 17 horas desse dia, todo o pessoal da referida secção foi novamente apalpaado!

Constituiu isto tal afronta para os «operários», que estes indignadíssimos, cometeram durante muito tempo o facto junto ao portão da saída das oficinas. E era tão evidente o seu estado de espírito que os engenheiros habituados a sair a seguir ao pessoal, nesse dia eram perto de 19 horas e não haviam aparecido...

Não é necessário apresentar mais casos. Os que aí ficam são bem sintomáticos. Traduzem claramente o regime de opressão que vigora na C. P. Digam-nos depois se alguns destes actos se cometem nas prisões.

Urge, pois, que tal estado de coisas se modifique. Só o pessoal o conseguirá por intermédio do seu sindicato, desde que saiba constituir fortes elementos de defesa, capazes de enfrentar as condições de trabalho que lhe são impostas. E não é preciso muito esforço para que a solidariedade moral e material aos atingidos seja um facto. A questão é de pôr em execução as medidas imprescindíveis a esse fim. Certamente que os ferroviários não as ignoram.

Noutros artigos trataremos deste assunto mais desenvolvidamente.

Reajam, pois os ferroviários da Companhia Portuguesa.

O pessoal da C. P. está proibido de ler «A Batalha»

A campanha que temos vindo a manter já causa calafrios aos magnates da C. P. A Batalha foi interdita nas oficinas e serviços da famosa C. P. Todo o operário que for surpreendido na leitura do nosso jornal será imediatamente despedido. A C. P. eliminou a liberdade de pensamento, e a *liberdade*...

LEIAM A'MANHÃ O Suplemento semanal DE A BATALHA SUMÁRIO:

- Revoluções ordeiras, por Ladislav Batalha.
- Incoerência, por Nogueira de Brito.
- Carta a uma criança de oito anos, por Júlio Eduardo dos Santos.
- Na prisão de mulheres, por Luísa M. Abolição do registo policial para meretrizes, por Arnaldo Brazão.
- chel.
- A eterna rebelião do mar, o Fardo da Liberdade, (Comédia em 1 acto), por Tristan Bernard.
- O que todos devem saber.
- Chico, & Zecas (com gravuras).

Em favor dos doentes hospitalizados Por D. Rio de Carvalho, foi entregue ontem ao fiscal do hospital do Rêgo, a quantia de 100\$00 para ser distribuída pelos doentes mais necessitados que se encontram internados naquele hospital.

Lêdo o Suplemento de «A Batalha»

A FÉ E A RAZÃO

Laménais, que foi o último dos padres da Igreja, embora ao fim da vida se tenha colocado fora do grémio desta, escreveu um dia:

«Não se pode chegar à certeza, senão por dois caminhos: a demonstração e a experiência que constata as coisas de facto».

Onde está dada a demonstração das verdades da fé?... Elas são da esfera das chamadas verdades de autoridade impostas ao espírito humano, sob pretexto de terem sido reveladas pelo próprio Deus aos seus profetas ou à Igreja...

Onde é que a experiência nos tem confirmado nelas?... ou a elas nos tem conduzido?

Uma das regras do bom senso é graduar a crença pelos graus da certeza, fixando estes pela importância das provas. Porque colocarmos os artigos da nossa fé fora da submissão a este salutar princípio da disciplina mental?

Ora, porque! porque a fé, não tendo senso comum, como e há de estar sujeita às regras do bom senso?

Eu bem sei que sempre que nós, em nome da razão, contestamos a veracidade da fé, eles contestam, em desforra, a veracidade da razão, dizendo que não só, pela razão, um mesmo indivíduo cai em contradições constantes pela vida adulta, como ainda que dentro de cada escola livre pensante, a cada passo surgem as dissidências.

Ora, argumentar com a infabilidade da razão com o facto das divergências de cada razão individual, com as outras e consigo mesma estaria bem, se essa divergência se afirmasse fora dos sonhos da metafísica... E' no vasto campo da metafísica, sobretudo da metafísica religiosa, que essas divergências se afirmam; e o motivo, dá-lo o dr. Luis Buchner (Cap. «Matéria e Espiritualismo» da «Ciência e Natureza»), quando escreve: «Asserções, que não se estribam sobre a intuição ou a observação, evolvam-se nos ares». E neste caso se encontram todos os devaneios da metafísica e todos os sonhos do religiosismo.

As verdades racionais e as verdades científicas conseguem o acordo de toda a gente. Não há divergência no campo das ciências da natureza, desde que se chegou, nestas últimas, à constatação experimental da hipótese. Onde se dá a divergência?

—Logo que comecemos a discorrer sobre Deus e os seus atributos, sobre a providência e a sua acção, sobre a alma e as suas qualidades, sobre a vida futura, etc. Porque essas pretendidas verdades ou são tão só subjectivamente, visto como em nada se estribam a não ser na fantasia individual, ou procedendo espontaneamente, por coiza própria, ou sob a acção de sugestão extranha.

Limite-se a razão à sua legítima e natural esfera de acção, ponha de parte tudo quanto está fora do seu alcance; deixemos de dogmatizar sobre o inverificável; livre-mos, sobretudo, de procurar derivar desse dogmatismo arbitrário sejam quais forem os efeitos civis e para logo a paz se fará no campo dos labores da razão; porque em tudo quanto possa ser considerado conhecimento exacto, a razão humana mostra-se sempre de acordo, desde que esse conhecimento repose sobre a demonstração da sua veracidade.

Mas, por causa da falibilidade do nosso entendimento, aceitarmos como infalível a

fé que nos é proposta por homens dum entendimento, tão falível como o nosso!... E deixarmos que a irracionalidade da Fé triunfe para sempre em nosso espírito, só porque aqueles que no-la sugeriram, nos proibem qualquer discussão a seu respeito, evitando assim que o nosso espírito se esclareça...

Dizão que a razão também tem errado no campo das ciências exactas. Só a história da astronomia de quantas dessas coisas não está cheia! Mas esses erros não são filhos da razão, nota-o bem Pelletan («Profissão de Fé do Século XIX»); provêm de observações mal feitas ou servidas por instrumentos defeituosos. Mas quando a razão erra, ela própria caminhará em busca da correcção; não se fica como a religião, teimosa nos seus erros, fazendo perseguir Galileu, porque afirma a mobilidade da Terra, e queimar Giordano Bruno, porque afirma a habitabilidade dos planetas. E, ainda assim, se o conhecimento é imperfeito, não é o raciocínio, e, partindo de dados imperfeitos, a razão, na infabilidade da sua lógica, apenas seguirá errando até encontrar novos dados que lhe abram caminho novo.

A fé tem a sua filosofia: é a teologia, ciência das causas sobrenaturais, opondo-se à verdadeira filosofia, que é a ciência das causas naturais. Ora, como o homem, produto da natureza, vivendo nela e por ela, por mais que faça, não pode desprender-se da natureza, não poderá pelo estudo, nem pela experiência, nem pela observação, chegar ao conhecimento de causas nenhuma de ordem sobrenatural; por isso que só a natureza se lhe depara e oferece para objecto dos seus trabalhos mentais. Daqui resulta que a Teologia, não podendo ter por si nenhum dos princípios ordinários de credibilidade, tem de inventar um outro para o seu uso: a revelação divina.

Simplesmente, como o seu fim é exactamente estabelecer doutrinas sistemáticas sobre Deus, fora da sua esfera, desconhecido, nós temos que a teologia parte a um tempo de dois erros da Lógica: uma *petição de princípio*, supondo já concedida a livre de contestação a existência de Deus, que é ainda para discutirmos; e um *círculo vicioso*, provando pela revelação a veracidade da fé, ao passo que a própria revelação de constituir objecto desta fé requerida...

Daí todo o vazio do edifício teológico, ao passo que a Filosofia, repousando na experiência e na razão, dia a dia vai cativando maior número de espírito.

Também a teologia não cessa de anatematizar a razão, chegando a representá-la sob a forma simbólica dum anjo rebelde, expulso da eterno gozo da «bemaventurança» e precipitado no abismo da perdição eterna. A palavra *Demonio* significa originariamente *ser dotado de razão*. Sobre esse símbolo fantástico descarrega a teologia todo o seu ódio, fazendo-o responsável de todo o mal, que Deus, segundo Epicuro, diz, e bem, não soube, não pôde ou não quis evitar.

Como o Demónio, também a razão é sempre maldita, desde que reclame os seus direitos de crítica; porque a crítica a torna sempre heterodoxa em face da religião estabelecida.

Heliodoro SALGADO

CONTRA OS TOUROS DE MORTE

Uma comissão de senhoras delegada do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas entregou ao sr. ministro do Interior uma representação contra o projecto de uma tourada com touros de morte, em Évora, a qual é redigida nos seguintes termos:

«Tendo-se realizado ainda há pouco em Lisboa uma tourada de morte e constando a próxima realização de uma outra em Évora, o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas vem perante v. ex.ª protestar contra tão grande crueldade.

Se as touradas vulgares são o mais anti-educativo e o mais cruel dos espectáculos e o que melhor desperta e anima a selvageria latente em toda a alma humana, o que não serão aqueles que como principal atracção apresentam a agonia e morte de um ser sensível? Que se não diga que também nos matadouros centenas de animais são diariamente sacrificados. E' diferente. Esses são imolados a uma necessidade imperiosa sem que multitudes inconscientes vão aplaudir e a insultar os seus sofrimentos.

E toda a pompa, toda a arte, todo o pitoresco com que se envolve e até se tenta justificar um acto em si repulso e odioso, mais repulso e odioso o tornam por hipocritismo fazer despertar a alegria e entusiasmo pelo que só indignação compaixão merece.

Mas não será ainda a tortura do touro o pior mal de tão ruins festas, infelizmente mais grave será a nefasta influência que a admiração pela força bruta, o entusiasmo pela crueldade e o vândico prazer de ver sangue exercer nos espectadores correndo-lhes lentamente os seus mais nobres sentimentos.

Nesta hora em que Portugal tanto precisa de bondade é crime exaltar instintos sanguinários.

Que importa que os touros de morte tenham atrás de si séculos de pseudo gloriosas tradições?

Se há tradições que é glória conservar outras há que é glória pôr de parte. Esta é dessa natureza.

Sr. Ministro, o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas interpreta do sentir das mulheres de coração espera da bondade e do espírito de justiça de v. ex.ª a rigorosa proibição de tão atroz espectáculo.

Pelo Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas foi também enviado um telegrama de protesto ao governador civil de Évora com cuja cumplicidade os organizadores da tourada contam.

Ocorrências diversas

Na Quinta das Amendoeiras, aos Olivais, propriedade de José da Ovilheira e da qual é guarda José Inês, empregam-se vários jornaleiros, entre eles, Manuel dos Santos, de 38 anos, natural de Alcanena, ambos residentes da mesma quinta. Ontem, começaram os dois de brincadeira, mas a certa altura desviraram-se, envolvendo-se em ordem, sendo o Santos agredido à paulada pelo seu antagonista, do que lhe resultou ficar com o braço esquerdo e as costelas fracturadas e ferido na cabeça. Transportado num auto da Cruz Vermelha ao Hospital de São José, foi pensado devidamente no Banco, dando em seguida entrada na Sala de Observações.

No Banco do Hospital de São José, foi pensado e recolhido depois a casa, Francisco de Jesus Pauleta, de 55 anos, natural de Abrantes, Bêco do Martine, 34, 1.ª, que, na muralha de Alcântara, foi agredido com uma pedrada ficando ferido na cabeça.

No posto da Cruz Vermelha do Calvário, foi pensada recolhendo depois à enfermaria 5 do Hospital Estefânia: Claudina de Jesus, de 56 anos, natural de Taboá, residente na rua da Fábrica da Pólvora, 36, que caiu da residência, ficando muito contusa pelo corpo.

No mesmo posto também recebeu tratamento e foi para casa, Alfredo Pereira, marinho de 38 anos, de 38 anos, morador no largo da Princesa, a Pedrouços, o qual quando lançava uma peça de fogo de artifício, ficou muito queimado na mão direita.

Depois de pensada no Banco do Hospital de São José, foi transportada num auto da Cruz Vermelha a sua residência, rua Coelho da Rocha, 70, 3.ª, dt.ª, Adelaide Spencer Vieira, de 42 anos, natural do Porto, que, na Avenida da Liberdade, foi atropelada pelo automóvel S-6.109, ficando com uma perna fracturada.

No Banco do Hospital de São José foram pensados e recolhidos a casa: Domingos Nogueira da Fonseca, de 18 anos, natural de Aveiro, residente no mercado de Santos, descarregado, que a bordo de um barco fundeado em Santos, foi colhido por um ferro, ficando ferido na perna esquerda.

José Marques de Oliveira, de 43 anos, natural de Tomar, fogueteiro dos Caminhos de Ferro do Estado e residente no Lavradio, que no Barreiro foi colhido pela pala do tander da máquina 309, ficando ferido nas mãos. Armando Viana, de 53 anos, natural de Ponte do Lima, cateleiro (cego) morador em Algué, que caiu de uma muralha em Algué fracturando a perna esquerda.

Depois de pensado no mesmo Banco, recolheu à Sala de Observações.

Da enfermaria de Santa Joana, do Hospital de São José, sai amanhã com alta, Rosa Craveiro, de 37 anos, natural de Mantegais, aquela vendedeira da praça, que, na sua residência, calçada de Sant'Ana, 106, foi, há dias, agredida a tiro pelo marido, José Pires.

No Banco do Hospital de São José receberam tratamento, por terem sido acometidos de ataques de insolação, na via pública, recolhendo depois a casa: António da Costa, de 58 anos, natural de Taboá, pedreiro, travessa da Piedade, 24; Arnaldo Pereira, de 20 anos, natural de Lisboa, carroceiro, Quinta da Ermidia e o guarda da P. S. P. 829, José da Silva Barbas, de 28 anos, natural de Ceia e morador na rua Carvalho Araújo, 22.

DESPORTOS

Atletismo

Taga Artur dos Santos

Organizado pelo Sport Lisboa e Benfica efectua-se hoje, nas Amoreiras, um torneio atlético, para o qual instituiu o clube organizado uma taça homenageando assim o seu velho e valoroso atleta Artur dos Santos. A inscrição é importante em número e qualidade de atletas, fazendo-se representar condignamente o Casa Pia, «Os Belenenses», o Cruz Quebrada e o Internacional. As eliminatórias terão início às 9 horas da manhã, com uma interrupção, para recomencem às 16 horas as provas finais.

Campeonato Nacional

A Federação dos Desportos Atléticos marcou para os dias 31 do corrente e 1 de Agosto, no Estádio a realização do campeonato nacional de atletismo.

Contamos que a Federação conjunje os seus esforços no sentido de que a sua organização não enfrente do mal que em outras competições se tem verificado.

A reparação do terreno da pista e as caixas para os saltos, devem merecer os cuidados inerentes para uma boa e rigorosa competição, não contribuindo, pelo seu mau piso e pouca comodidade, para que se verifique mais uma vez os protestos dos concorrentes que vêm por esse facto diminuídos os seus esforços e prejudicados os seus tempos.

A inscrição encerrar-se-á no dia 21 por determinação federal.

Futebol

Realiza-se no campo sportivo da Companhia Industrial Portugal e Colónias, uma festa de futebol que consta dos seguintes desafios:

A's 14 horas, Grupo de Foot-Ball Nacional contra Estrangeiro Foot-Ball Club; às 16 horas, Lusitano Sporting Club contra Casleense Foot-Ball Club; às 18 horas, Boa-Hora Foot-Ball Club contra Rio Seco Sporting Club.

Aos vendedores destes desafios serão conferidos 3 bronzes.

Natação

O Porto-Lisboa em Water-Polo

E' hoje que tem lugar na doca de Belém a efectivação do encontro inter-capitais do Norte e Sul em Water-Polo. O «sete» do Porto que ontem chegou a Lisboa apresentando-se constituído por: guarda-redes, José Rodrigues de Pinho, do Comercial; defesas, Alvaro Sequeira, do Foot-Ball Club do Porto e José Birra, do Nun'Alvares; avançados, Luis Conto, do F. C. do Porto, Florentino Mota e Joaquim Guilherme Silva, do Comercial. Suplentes: Manuel Birra e Virgílio Coimbra, do Nun'Alvares.

O desafio começa 6,30 da tarde havendo antes dele dois desafios de terceiras, que disputam as meias finais do campeonato do sul. O primeiro entre o Algué e Dafundo e o Sporting Club de Portugal, os dois conhecidos rivais e principia às 5 horas da tarde; o segundo entre a terceira categoria do Sport Lisboa e Benfica, que ganhou o campeonato da sua série sem uma derrota e o Vendedores de Jornais, um dos mais fortes grupos desta categoria que, por ser da primeira série, vai pela primeira vez bater-se com o popular Sport de Lisboa.

Depois destes desafios segue-se o encontro inter-cidades, ansiosamente esperado, tanto mais que ele servirá de eliminatória para a formação do «sete» nacional que no dia 8 se bate com a selecção de Espanha.

A direcção da Delegação de Lisboa avisa todos os seus clubes filiados e nadadores, que os seus cartões nesse dia não dão ingresso na doca de Belém. Nem mesmo os da imprensa ou quaisquer outros distribuídos. A direcção substitui, por outros que resolveu enviar às direcções dos clubes filiados, imprensa, jogadores de 1.ª categoria, árbitros aprovados pela Delegação, cronometristas e jogadores de outras categorias que tomem parte em desafios que constam do programa do dia 26.

Atletico Clube de Arroios

Este Clube realiza no dia 1 de Agosto, por ocasião do seu primeiro aniversário uma corrida pedestre de quatro quilómetros na categoria de «fracos» não medalhados, para disputa dum taça de prata e 4 medalhas, sendo a do 1.º prémio de prata e gravada a ouro. Realiza também no mesmo dia um torneio relampago em «foot-ball» em quartas categorias, para disputa dum bronze. A inscrição encontra-se aberta todos os dias até ao dia 31 do corrente, das 21 às 24 horas, na sede deste Clube, rua Carlos José Barreiros, 9, onde se encontra patentes os respectivos regulamentos.

Novidades literárias

CAVALGADA DO SONHO

TERRAS DE FOGO

DE —

Juliano Quintinha

2.ª Edição — Escudos \$800

A' venda em todas as livrarias. — Pedidos à secção de Livraria de A Batalha

TIVOLI

Telefone 11.5174

Matinée às 3 h. — Soirée às 9 h.

ÚLTIMA EXIBIÇÃO

O triunfo de Lagardère

Segunda e última jornada de

O CORCUNDA

Adaptação do romance de PAUL FEVAL

Max Linder

na America

COMEDIA EM 6 PARTES

Uma cine farça

Uma cine revista

A'MANHÃ

600.000 FRANÇOS POR MEZ

A BATALHA NA PROVINCIA E ARREDORES

Barcarena

Festejos populares em Torcena

BARCARENA, 22.—Promovidos por uma comissão realizam-se domingo e segunda-feira próximos grandes festejos no pitoresco e aprazível lugar de Torcena, junto à Estação de Barcarena, cujo produto reverte em benefício dos Bombeiros Voluntários de Barcarena.

O programa é o seguinte: dia 25 às 6 horas, alvorada com foguetes e meteiros; às 15 horas, a banda da Associação dos Bombeiros de Barcarena, cumpre a tradição da localidade; às 16 horas, a direcção da Associação dos Bombeiros promove uma sessão solene dedicada ao povo da localidade; às 17 horas, abertura das barracas de quermesse, tombola, bolos e arroz doce e arraial abrilhantado pela Sociedade Musical Escolar da Cruz Quebrada; às 19 horas, corridas de bicicletas, luta de tracção, corridas de puecas e pau enaseado; dia 26, às 18 horas, grandiosas cavalladas em bicicleta, corridas pedestres, saltos em altura e corrida de gericos; às 20 horas, reabertura de todas as barracas e arraial abrilhantado pela banda dos Bombeiros de Barcarena; às 23 horas, leilão de recheio da quermesse e às 24 horas, vistoso fogo de artifício.

Montargil

As novas colheitas e a crise do trabalho

MONTARGIL, 23.—Começaram já as debulhas que este ano trazem verdadeiramente desanimados os arrozeiros em virtude da molestia (ferrugem) que atacou as searas, havendo a menos na produção 50 %. As searas de milho que é o forte do povo trabalhador também não produzem nada devido à grande estiagem. Por todas estas coisas prevê-se um ano de grande miséria nas classes menos abastadas.

Os trabalhadores rurais já não têm que fazer a pesar de nesta quadra do ano o serviço ser sempre abundante. Esta semana mais de um terço ficou sem trabalho e os que conseguiram foi por uma jorna insignificante; regulando o preço das mulheres a \$400 e os homens a 7 e \$800.

No entanto o azeite já subiu \$300 em deca e a carne \$1000 em arroba e não pára por aqui derivado à grande mortandade que tem havido no gado suíno.

A moagem local resolveu diminuir 30 centavos no preço do quilo de farinha, sendo o preço do pão actualmente a 1\$70.

Escandalosa exploração sobre arrozeiros de baldios

Como é de calcular o alto alentejo encontra-se ainda muito inculto havendo heranças completamente improdutivas; mas graças aos esforços do povo trabalhador essas grandes matas improdutivas dentro de 2 dar-nos não preciso pôr.

O que é facto é que os senhores vendo nisto um negócio chorudo, pois as terras vão estando já muito limpas, só consentem em dar arrozeiros mas é necessário ser ao quinto isto é: uma percentagem de 20 % sobre a produção. Ora isto é escandaloso em virtude de ser um autêntico roubo aos que produzem a riqueza nacional.

Houve um senhorio que teve esta eloquente frase: Hei-de comprar 1 automóvel com o dinheiro que me há-de ser entregue pelo ministério da Agricultura. Quer dizer os arrozeiros limpam-lhe as herdades, como renda pagam-lhe 20 % sobre a produção e ainda recebem um subsídio do governo.

E' justo salientar quem actualmente está exercendo maior exploração sobre os arrozeiros. E' a casa Duque de Palmela e a firma de Lisboa, Vaqueiras & C.ª Lda, que tomou de arrendamento aos srs. Pinto Baveiras as herdades de Cortadores, Marameiro, Caneira, Rosmaninhal Valongo e Foz.

Só os quintos que recebem lhe dão para pagar a renda e ainda cresce muito pano para mangas...

Raiva

Desta localidade seguiram para Lisboa a fim de receberem o tratamento anti-rábico muitas pessoas, em número superior a 20. No entanto os cães vadios continuam a infestar esta região o que é de prever que sucedam mais casos desta natureza.—C.

Portalegre

Uma procissão com a autoridade agarrada às varas do pálio

PORTALEGRE, 23. — A reacção desde há tempos que vem alargando a sua esfera de acção devido à condescendência dos diversos partidos políticos que nas cadeiras da des governação pública se têm revezado, mercê dos tempos que vão correndo. As chamadas festas de igreja que ainda há pouco só à capucha se tornavam possíveis são hoje feitas com toda a liberdade e esplendor. Procissões que há dezesseis anos se não faziam voltam de novo, a ter a sua realização com um espanto que infunde admiração é causa náuseas, pois que enquanto tais paradas se realizam com grande gáudio dos encasacados adalides e das masculinadas madames e maior proveito dos «vigários» de Cristo, a população operária numa miséria que mete do e provoca revolta ou morte de fome ou se sujeita à mais negra das explorações, que nem em Africa se toleravam.

No último domingo e em troca de trezentos e sessenta e cinco dias de injusta clausura teve lugar a libertação por umas leves horas de simples passatempo o passeio do Martir São Sebastião, passeio em que tomou lugar além da velha e gastá filarmónica da Navilha, o grande republicano e genuíno liberal governador civil do distrito, que não desejando ficar atrás do seu já agora célebre colega de Coimbra, segurava uma das varas do pálio em que se metia o «ilustre» bispo dessa diocese. Bispo que com os afazeres das ovelhas do seu apriso ainda não teve tempo de perdoar o horrível crime de dois pobres padres que com honrados e nobres padres para a miséria a que o massacro que hoje se acolta em Évora os votou, a renegar os seus próprios filhos.

O facto de nesta tal procissão se ter incorporado o representante do governo, quando esse governo pela sua constituição da República tem de se ser neutro em matéria religiosa, tem sido aqui imensamente comentado, mas de resto nada admira, pois que além de vir de uma família absolutamente reacçãoria, o seu passado não desmerece do seu presente, no entanto não é ele um novo na cidade, nem nos negócios, ou serviços do Estado, visto que para gló-

ria deste regime de transigências vergonhosas e perigosas, é professor do Liceu a que por irrisão e como que a provocar a memória do próprio morto se denomina Mousinho da Silveira.

—Para breve ontos actos religiosos ou reacçãorios como este se anuncia e contra eles ninguém protesta ou se levanta. A classe operária está desorganizada e impossibilitada de cometer qualquer acção e a força liberal que aqui existia de há muito desapareceu. Ainda ao que consta aqui existe uma Loja Maçonica, mas não dá sinal de vida ou se dá ninguém o neta.

—Tomou posse o novo Comissário da Polícia que ao que consta foi indicado pelos políticos locais. Sendo assim que admira que eles não protestem contra as cegadas religiosas e antes a elas se associem.

Monforte

Rendimentos dos operários

MONFORTE, 23.—O trabalhador José Lourenço, de 23 anos, solteiro, sofreu um desastre de trabalho quando andava com uma debulhadora do proprietário Mariano Moreira da Costa Pinto, recolhendo em estado muito grave ao hospital da vila.

—O rural António Augusto Max ino, de 48 anos, quando andava trabalhando ao serviço do sr. José Alfredo M. Sardinha ficou debaixo dum carro ficando com a perna esquerda fracturada e com bastantes ferimentos na outra.—C.

Valhelhas

As ceifas

VALHELHAS, 23.—Estão terminadas as ceifas de centeo nesta freguesia, e principiaram já as debulhas, sendo a produção bastante escassa, elevando-se este cereal a 14800 cada medida de 15 litros.

Os jornaleiros tanto na ceifa como na debulha têm ganho 7500 diários e comidas.—C.

A AGUA DE ANDALUZ

Desfazendo uma especulação

Reuniu a comissão de defesa e melhoramentos da água de Andaluz que apreciou diversos factos chegados ao seu conhecimento, concluindo por votar a seguinte moção:

«A comissão de defesa e melhoramentos da água de Andaluz, interpretando a doutrina dos documentos votados no comício onde foi nomeada, e em harmonia com o exposto no seu manifesto de setembro p. n.º, declara que não concorda e menos ainda autoriza que qualquer pessoa ou empresa capte a água do Andaluz para vender, reservando o seu direito de, por todos os meios continuar a defender a aquisição pública e gratuita daquela água e resolve pedir a todos os consumidores que informem, por escrito, de qualquer abuso que se pratique, a fim de providenciar».

A comissão reúne todas as quintas-feiras, às 21 horas.

SOLIDARIEDADE

Júlio da Anunciação, José Augusto Amaro Júnior, Hilário Gonçalves, Paulo Soares, José Maria da Cruz e Luis Félix de Aguiar, ex-secretário geral da Associação de Classe dos Estudantes do Porto de Lisboa, a quantia de duzentos escudos.

Um soldado vítima das ordens superiores...

MOSCAVIDE, 23.—Da Torre de São João da Barra recebemos uma carta do soldado de artilharia 3, Jacinto Roque, preso por ocasião do último movimento de Monsanto, lastimando a sua situação motivada pelo cumprimento de ordens superiores e em obediência à disciplina militar. Diz ele: «Nenhuma mal fiz a ninguém. Tenho o meu tempo acabado e meus pais, que tanto sofreram para me criar, não têm ninguém que lhes ganhe um bocadinho de pão, especialmente depois que meu Joaquim foi para a esquadilha de aviação de Sintra. Como julgo que só por engano aqui me encerraram, peço por este meio que alguém se interessasse por mim, pois desejo ir trabalhar para que meus pobres pais não morram de fome».

Alíca o apelo para quem compete olhar para estas *inharias*...

ASSINEM Os mistérios do Povo

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Amboim» são hoje expedidas malas postais para Bissau, Bolama, Congo e Angola, sendo da Estação Central dos Correios a última tiragem de correspondência registada às 10,30 e das ordinárias às 13 horas e pelo paquete «Flandria» para Las Palmas, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires, efectuando-se a última tiragem às 9 horas.

TEATRO AVENIDA

Telef. 11.4353

A SENSACIONAL PEÇA

O Dr. da Mula Ruça

12 números de música 12

Orquestra Jazz-Band

Hoje, às 21,30

Hoje, às 21,30

Trindade

Telef. T. 976

n sinchison comedi

O PATRIOTA

e n «BIJETTE»

POMADA AMOR

Original de ERICO BRAGA

e AVELINO DE SOUSA

A BATALHA

As "forças vivas" reivindicam o direito ao roubo. O proletariado deve defender-se proclamando o direito à vida.



Os Caminhos de Ferro do Estado estão ameaçados pela cupidez das empresas particulares

Pretextando um déficit nas contas dos Caminhos de Ferro do Estado pensa-se, ao que se diz, dá-los de arrendamento. Acabará, pois, em breve a *regie* dos Caminhos de Ferro, dizem os jornais. E o sr. ministro do Comércio confirma-o pela boca do seu ajudante, como diz a imprensa.

Muito bem. Está posto o dilema: A' custa do pessoal, miseravelmente pago, trabalhando sem horário e esforçando-se por obter a melhoria de situação financeira dos Caminhos de Ferro num esforço quantas vezes superior às suas forças, foi possível equilibrar as contas deste importante serviço. Estabelecido esse equilíbrio apesar das inúmeras concessões do Estado a diferentes entidades que se servem dos Caminhos de Ferro e que produzem sensíveis baixas das receitas, arrendam-se, mesmo aos espanhóis ou a quem as pretender, as linhas do Estado.

Não se faz questão da pessoa que arrenda—pretende-se, apenas, que ela apareça trazendo dinheiro, o maldito dinheiro!

E como a questão é de dinheiro, acaba-se com a *regie* dos Caminhos de Ferro mas não se toque na amaldiçoada *regie* dos Tabacos, excomungada por meio mundo numa gritaria infernal que feriu durante tanto tempo os nossos tímpanos.

Se fôssemos democráticos, oh! como nos ririam da nossa *formidável* derrota...

Procuremos serenamente, e com toda a imparcialidade, apreciar a questão, se nos é lícito fazê-lo. As verdades custam às vezes mais bocados, mas nós pertencemos ao número dos que entendem que aquele que conhece a verdade e a oculta é um covarde.

A passagem dos Caminhos de Ferro do Estado vem sendo metódicamente estudada e preparada desde 1923, pelo menos. Constituiu, porém, um enorme embaraço para essa empresa a deplorável situação financeira de então, dos Caminhos de Ferro. Fez-se a reorganização dos seus serviços e reduziram-se 5.000 e tal empregados—que, diga-se de passagem, cá ficaram todos trabalhando por serem indispensáveis—que passaram a ser considerados adidos e, portanto, pagos por receitas estranhas. Esse número está reduzido a um décimo na ocasião presente, mercê de circunstâncias várias.

Como se vê, o terreno estava desbravado e só faltava oportunidade para a passagem.

Preste quem deve a sua homenagem ao sr. Rosa Mateus que, pelo processo já exposto, soube preparar esse terreno, e não faltou quem afirmasse que o autor da reorganização tinha na passagem dos Caminhos de Ferro interesses especiais: Não o afirmamos, mas não deixamos de acreditar e cá temos nossas razões.

Viu o novo administrador, sr. Pinto Teixeira, que, parece ter sido um obstáculo ao arrendamento das linhas do Estado. Condenava-a, como se pode concluir da carta que ainda ultimamente escreveu ao *Século*, desmentindo os que afirmam haver *deficite* nos Caminhos de Ferro. Registemos a afirmação, que tem, para nós, valor absoluto.

A esta hora deve o sr. Pinto Teixeira estar aprendendo de manter os ferroviários a meia razão para, no final de contas, sob o pretexto de um *deficite* pretender arrendá-los com o seu material e tudo mais, quem sabe se aos espanhóis.

Como não somos democráticos, igualmente não somos patriotas—segundo os nossos patriotas—nem militaristas, a pesar de termos sido soldados, mas daqueles que o são só para dar o corpo ao manifesto, isto é, soldados para a guerra, mas achamos que a alienação das linhas do Estado da importância estratégica das do Minho e Douro, especialmente, têm cubiçada pela C. P., é um caso grave encarado sob o ponto de vista de defesa nacional.

Os entendidos na matéria—porque a eles, especialmente, deve interessar o assunto—que refutem isso se for possível, tendo-se em atenção que o informador da imprensa no ministério do Comércio disse não se fazer questão da nacionalidade das entidades que tomassem de arrendamento os Caminhos de Ferro.

Objectarão—mas o governo saberá salvaguardar os interesses nacionais.

Se fôssemos possíveis arredar esse perigo, ficava de pé a questão administrativa que o Estado tem de considerar. Perfeitamente de acordo. Mas, já se provou que não há *deficite* nos Caminhos de Ferro e que de grande monta tem sido as obras realizadas ultimamente, à custa das suas receitas. Lembremos, para avivar a memória dos que os hajam esquecido, alguns dos importantes melhoramentos realizados, repete-se, à custa das receitas ferroviárias e, em seguida, citaremos as importâncias igualmente arrancadas ao rendimento das linhas para pagamento de dívidas atrasadas e em parte resultantes da anormalidade dos serviços ferroviários por virtude da guerra, ao que nenhuma linha nem mesmo a própria C. P., tantas vezes citada como exemplo de boa administração escapou, porque ainda agora fecha as suas contas com importantes *deficites*. E, se não estamos em erro, um grupo dos seus acionistas pretende levá-la aos tribunais, por isso mesmo.

Mas, continuemos: Só para o Minho e Douro foram compradas para cima de 30.000 travessas e a grande quantidade de material que esteve imobilizado e por reparar durante a guerra e por motivo da greve foi todo reparado nas nossas oficinas o que representa um importantíssimo esforço que nem a própria C. P., conseguiu realizar.

No Sul e Sueste fizeram-se, igualmente, importantes reparações que são justificadamente um orgulho do pessoal daquela linha. Ascendem a mais de 5.000 contos as importâncias tiradas das suas receitas para melhoramento das linhas do Estado, o que, junto ao saldo positivo que fecharam as contas de 1925, representa bem o esforço que aliudimos.

Ainda em 1924 o déficit era de 41.000 contos!

Não há, pois, déficit nos Caminhos de Ferro do Estado que em 1925 apresentavam, pelo contrário, um saldo superior a 5.500 contos!

A situação financeira dos Caminhos de

Ferro do Estado, cujo Conselho de Administração chegou a votar, dias antes do último movimento revolucionário, uma gratificação ao pessoal, é presentemente animadora.

Uns dias antes da notícia sobre o arrendamento das linhas ferreas do Estado, publicava o *Diário de Notícias* uma entrevista com um membro do Conselho de Administração da C. P., se não estamos em erro, que salientava a conveniência da passagem para a C. P., das linhas do Minho e Douro, por motivo das importantes relações de tráfego existentes entre as duas redes.

Quere-nos parecer, sem que isto envolva a mais leve suspeita que possa comprometer sua sua ex.ª, e muito menos uma insinuação que ofenda o seu carácter, que o actual Chefe do Gabinete do Ministério do Comércio, que é engenheiro Chefe do Tráfego da C. P., muito poderá influir na solução desta importante questão, dados os seus conhecimentos especiais do assunto que lhe permitem observar o estado de florescente prosperidade das linhas do Estado, principalmente, a do Minho e Douro.

Mas, e para terminar, admitamos ainda a hipótese, já posta de parte, está claro, do estado *deficitário* atribuído às nossas linhas, quem sabe se intencionalmente, isso seria uma razão para que o Estado as arrendasse?

E, haverá quem queira tomar de arrendamento linhas em precário estado financeiro? Nesses casos, lembramos o Caminho de Ferro de Penafiel à Lixa cuja exploração está em praça e que tão bons serviços traria à região que atravessa.

Ora, à primeira pergunta responderemos que não. E não, porque essa mesma razão poderia invocar-se e, isso é tão inverosímil que só o exemplo aqui posto causa calafrios, para as nossas colónias que como toda a gente sabe dão prejuízos.

Sobejam os argumentos para esmagar completamente as vantagens do arrendamento, até mesmo porque Fontes Pereira de Melo que ninguém quer que fosse um estadista de papelão, entendeu no seu magistral plano ferroviário que se abrissem linhas ferreas para comodidade do público, para desenvolvimento da riqueza nacional, para a defesa da pátria e não, está claro, para delas se obterem receitas para fazer face a outras despesas do mesmo Estado.

Finalmente, os Caminhos de ferro do Estado que se bastam administrativamente, só precisam de autonomia de facto, real, embora convenientemente fiscalizada; de bons administradores e, o problema estará, por agora, resolvido sem necessidade de arrendamentos.

O Estado poria cêbros às concessões que não tivessem a justificável imperiosos motivos e, garantimos, até em nome de todo o pessoal ferroviário, que os Caminhos de ferro do Estado progrediriam.

Tente o governo isso.

Interesse directamente o pessoal na administração ferroviária e proceda, então, com todo o rigor em casos de má administração.

Nós somos portugueses mas não temos a pretensão de supor que os portugueses têm vistas mais largas que os povos dos outros países de quase a Europa inteira, cujos Caminhos de Ferro estão na posse do Estado, esforçando-se aqueles como a Inglaterra e a Alemanha por resgatar o resto das suas linhas e, neste último país, somente, para garantia de empréstimo, o Estado teve necessidade de alienar as suas linhas ferreas.

Detém, pois, nas suas mãos esse importantíssimo ramo de serviço, o Estado na maioria dos países.

Eles lá sabem porque razão...

Adriano MONTEIRO
Presidente da União Ferroviária

P. S.—Li melhor a carta que o sr. Pinto Teixeira enviou a *O Século* e verifiquei que esse senhor não condena a passagem dos Caminhos de Ferro a uma empresa particular, antes a aceita, embora tenha posto essa questão de uma forma velada que me levou ao equívoco que desejo rectificado, a bem da verdade.

Com isto, vão-se as ilusões acêrca da questão e do sr. Pinto Teixeira, para aqueles que ainda as tivessem.

A. M.

Suplemento semanal ilustrado de "A Batalha"

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonzo, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00. Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

Tribunal de Desastres no Trabalho

Realizaram-se ontem, neste Tribunal, os julgamentos das seguintes causas:

Francisco Sousa Lopes Junior, aprendiz de mecânico em madeira, que perdeu os dedos do pé esquerdo quando ao serviço da Parceria Vinícola Portuguesa, a qual foi condenada a pagar ao sinistrado a pensão mensal de 25\$18 nos termos do § 1.º do artigo 13.º do decreto 5637, a partir do dia 26 de Abril de 1925; Manuel da Silva, pedreiro, contra José Pereira, que foi absolvido por se provar que o desastre não deu incapacidade para o trabalho; Manuel de Moura, pedreiro ao serviço do Hospital Militar de Belém, condenado este estabelecimento a pagar ao sinistrado 270\$00, importância de 2/3 do salário correspondente a 27 dias de incapacidade; António Rodrigues, descarregador, condenado a Companhia «Lex», na importância de 289\$24, por se provar que o sinistrado não abandonou as prescrições clínicas.

A polícia de Leiria pratica barbaridades contra homens indefesos

LEIRIA, 23.—A polícia de Leiria martirizou, durante um longo ano, um pobre rapaz acusado de roubo. E porque lhe caiu nas garras, espancaram-no, martirizaram-no, deram-lhe fome e tanta, que o obrigaram a dizer que tinha cometido o crime!

Mas não, tal não tinha sucedido! O rapaz estava inocente, como inocentes nós estamos de todos os crimes que nos imputam. Os criminosos, os verdadeiros criminosos, andam fardados, estão ali, em Leiria, fazendo serviço por conta do Estado, fabricando a golpes de cavalo-marinho, tarados e assassinos!

E os carrascos de todos os países, que em América do Norte se vão reunir para deliberarem a forma mais prática, de matar, devem descer até Leiria, interrogar a polícia da cidade, escolhendo de entre eles o matador mais exímio.

Leiria tem carrascos para seu uso, e pode fornecer por grosso e a retalho.

O ano passado, aí, por 12 ou 13 de Outubro, foi assaltada uma relojoaria pertencente ao sr. Aníbal Mendes.

O roubo foi todo de relógios, e foi importante, porque os gatinos levaram o que encontraram.

E o roubado, pessoa que vivia do seu trabalho, viu-se em sérios embaraços, porque o roubo descreditou-lhe a oficina e (facilmente desprezado) escasseou-lhe o serviço.

Foi então acusado deste roubo, um rapaz que exercia a profissão de barbeiro, e que morava perto da oficina assaltada.

O rapaz, que se chama Raúl Fidalgo, negou que tivesse praticado semelhante roubo.

Enviado para Leiria, a polícia não se contentou com o que tinha dito o preso, e então, para o obrigar a confessar, encerrou-o numa enxovia subterrânea, com dois metros de profundidade, completamente incommunicável. A masmorra não tinha luz, era lóbrega, sinistra de aspecto. Davam-lhe então por alimento uma sopa indigesta, em dias alternados. No dia em que nada lhe davam, era o desgraçado obrigado a alimentar-se a água lá a par e passo delirando-se suas faces amarellecendo, tomando a cor da cidra, seu físico ia ressentindo-se com a vileza.

Mas não pára por aqui a infâmia. Depois da fome a pancada, como vamos ver. Devemos dizer que a vítima esteve encerrada naquele «in pace» 8 infamáveis dias.

Bloqueavam-no constantemente com interrogatórios, ao que a vítima respondia invariavelmente que não tinha roubado, que estava inocente. Saturados de o interrogarem desta forma, certo dia entraram no acanhado subterrâneo, amarraram-no a uma porta, azorragaram-no selvaticamente com um marmeleiro e cavalo-marinho.

Não contentes com isto, pegaram num banco e bateram-lhe com ele! Mas os instintos fígrinos das feras não ficaram satisfeitos com isto. Era necessário fazer mais, levar a tortura mais longe, cometer maior e mais inqualificável barbaridade. Como ainda estava amarrado, contorcendo-se com dores, chorando, mascando juras, apelando por tudo para abrir uma clareira de clemência, naqueles corações de pedra, os carrascos selvagens e insensíveis, acenderam uma vela, retardando todo aquele serviço para que o preso adivinhasse o que lhe ia suceder!

—Vais confessar, disseram!

—Estou inocente, balbuciei o desgraçado.

Então, friamente, chegaram a vela acesa às unhas do paciente, que fortemente metido, não podia esquivar-se ao atroz martírio.

As unhas contraíam-se e no meio daquelas dores horríveis o desgraçado gritou num misto de dor e horror: —Fui eu que roubei. Deixem-me que eu digo tudo!

As feras levantavam o suplicio cruento, resfolgaram ruidosamente, como a pantera quando aniquila a sua vítima e pode à vontade triturar-lhe os membros.

—Onde está o roubo? fizeram.

—E o desgraçado meio asfixiado, e com desejos de aspirar o ar puro e vivificante, com o fim igualmente de se ver livre por momentos daquele martírio disse: —entrei os relógios no Pinhal da Feira, da Marinha Grande.

E então fizeram-no caminhar de bicicleta a longa distância que separa Leiria de Marinha.

Mas o rapaz, que tinha a perna num estado lastimoso, gemia dolorosamente dizendo não poder pedalar. Mas os verdugos fecharam os ouvidos às queixas, ameaçando-o constantemente.

Chegados, que foram, o rapaz, como não tinha cometido o roubo, não o podia achar e empantando, procurando a direita e à esquerda, por aqui e por ali, terminou por dizer que tinha perdido o paradeiro do roubo. Foi insultado, coberto de anátemas injuriosos, vexado descaradamente. Voltou de novo à masmorra. Já tinha insuflado nos pulmões um pouco de ar mas iria de novo sofrer, ser espancado, esse seu corpo lá a ser aberto, qual mapa geográfico, com canais, com linhas, com rios, com cidades e festins.

Mas há mais, muito mais! Entendemos, porém, que devemos ser breves hoje.

Continuaremos amanhã a desfiar seus crimes, marcando-lhes a vócabulos rudes a perdidia. Não sabemos o nome dos algozes, vergonha da espécie, detritos da ancestralidade grosseira e criminosos!

Devem ter saído do ventre de alguma leão, devem ter tido por escola a aliuja, que cimenta o crime e a laberna que embrutece e selvajiza! Não conhecemos esses homens de coração duro e frio como a pedra, de alma viperina.

Mas para o próximo número prenderemos seus «sobriquets» a estas colunas, adjetivaremos como convém suas bárbaras e estúpidas acções para ver se coram de vergonha e arrependimento.

O «veredicto» do tribunal deu o rapaz completamente inocente, condenando-o à pena mínima pela agravante de ter confessado o crime! Finalmente veio a saber-se que uns larapíes de Alcobaça, numa excursão nocturna, tinham levado os relógios.

O rapaz foi posto em liberdade, mas os polícias que andam à solta devem ser punidos, devem ser castigados.

Esses forajidos do trabalho ou «soute-nours» de lupanares, devem sair da corporação, porque a não ser assim dão-nos o direito a que façamos estalão geral e digamos que a corporação inteira da polícia de Leiria, sem excepções, é uma corte de bandoleiros, da pior espécie. Deixamos

HORARIO DE TRABALHO

Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa

De ha muito que o Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa se vem agitando procurando as autoridades superiores do distrito e promovendo sessões em todos os bairros da cidade para que o cumprimento do horário de trabalho no comércio seja rigorosamente cumprido a exemplo do que se faz nas restantes capitais estrangeiras.

Depois de várias diligencias que aquele sindicato teve com o sr. governador civil, ficou assente, como preceitua a lei 5516, que a fiscalização ao referido horário seja exercida por delegados daquela colectividade.

Pelo sr. governador civil e pelo sr. commissário geral da polícia já foram dadas instruções neste sentido para todas as esquadras e postos policiais.

Alega o referido sindicato que o cumprimento do horário de trabalho em nada prejudica a vida comercial, porque a crise que o comércio atravessa é resultante da falta de compradores e, estes, só aumentam na razão directa da quantidade de indivíduos ocupados. Desde que no comércio e na indústria, se não trabalhe mais do que as horas regulamentares dá como consequência um aumento de indivíduos ocupados, que por sua vez vão aumentando, a capacidade de compra para o público e possibilidades de venda para o comércio.

Pretende, pois, o Sindicato dos Empregados no Comércio fazer cumprir o horário de trabalho para atenuar um pouco a grande crise que avassala a classe.

Vai, também, aquele organismo ter uma audiência como sr. ministro do interior para refutar as opiniões dos representantes das associações comerciais que defendem um critério fóra de lógica que nem mesmo o interesse individual da sua classe é assim acutelado.

Para o bom funcionamento da referida fiscalização reúnem no princípio da próxima semana, os delegados nomeados afim de lhes serem passados os cartões de identidade e lhes serem dadas instruções necessárias tendentes a evitar conflitos desagregáveis para o bom nome daquela localidade.

SACCO E VANZETTI

Juventude Sindicalista do Porto

Promovida pelo Núcleo de Juventude Sindicalista do Porto, realiza-se na próxima terça-feira, pelas 21 horas, na rua de Entreparedes, 33, 1.ª, uma sessão de protesto contra a confirmação da sentença que condenou a morte Sacco e Vanzetti. Nesta sessão far-se-ão representar delegados da Câmara Sindical do Trabalho do Porto, secção federal das Juventudes Sindicalistas e da organização anarquista.

Câmara Sindical do Trabalho do Porto

Reúnem-se o conselho geral da C. S. T. do Porto que, entre outros assuntos, apreciará a circular n.º 59 dimanada da C. G. T., tendo sido aprovada a seguinte moção:

«O Conselho Geral da Câmara Sindical do Trabalho reúnem hoje e tomando conhecimento da confirmação da sentença pela que a magistratura americana condena a morte os camaradas Sacco e Vanzetti, denodados lutadores em prol da emancipação da humanidade. Considerando que tal confirmação representa uma enorme monstruosidade jurídica, pois oportunamente se provou a inocência desses camaradas no acto de que são acusados;

Considerando que declarações ultimamente feitas por um indivíduo português a ferros nas prisões americanas, confirmam todos os pormenores apresentados pela Sacco e Vanzetti;

Considerando portanto que a confirmação da sentença de pena de morte a Sacco e Vanzetti, obedece simplesmente ao desejo que têm as autoridades americanas de aniquilar a vida daqueles camaradas por estes serem dois organizadores da classe trabalhadora;

Considerando, portanto, o dever e a necessidade de todo o operariado se manifestar imediatamente contra as sanguinárias pretensões da burguesia americana, resolve:

1.ª Exortar todos os organismos operários do Porto e arredores a fazerem reuniões de protestos, conforme as instruções da C. G. T. dando conta das resoluções tomadas ao conselheiro americano nesta cidade e directamente ao governador da localidade em que se encontram presos Sacco e Vanzetti.

2.ª Que esta câmara convoque uma sessão pública de protesto na próxima terça-feira, 27 do corrente.

Em virtude do resolvido esta Câmara convida a classe trabalhadora em geral a assistir à sessão de protesto contra a condenação a morte de Sacco e Vanzetti, que se realiza, pelas 21 horas do dia 27 do corrente na sede à rua de Entreparedes, 33, 1.ª. Esta sessão realiza-se em conjunto com a sessão anunciada pela Juventude Sindicalista.

Melhoramentos locais

A comissão de melhoramentos de Mosca vide vai interceder junto das câmaras municipais de Lisboa e Loures e Companhia Carris de Ferro para que os eléctricos façam o seu percurso até ao extremo de Moscavide.

"A BATALHA" no Funchal vende-se No Bureau de La Presse.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 34 desta revista intitulada *El otro amor* de Federica Montseny. — Preço, \$50. — Pedidos à administração de A Batalha

passar este crime sem o nosso protesto, era pactuar, era ser cúmplice do crime e da barbaridade.

E nós não queremos, porque o nosso grande amor pela Fraternidade Universal leva-nos a agitarmos a verdade, de molde a acabarmos com tarados escaracões, com algozes e cafres, com bandidos e assassinos!

Alves de FREITAS



Grande excursão fluvial

Está despertando grande interesse entre a classe operária o passeio fluvial que a comissão escolar do Sindicato Unico da Construção-Civil realiza, no dia 15 de Agosto, pela margem norte do Tejo até São Julião da Barra, com desembarque na Trafaria, onde se realizará um pic-nic no pinhal, depois do que prosseguirá o passeio até ao Seixal, regressando daqui a Lisboa. O transporte será feito nos melhores barcos a gazolina da Cooperativa dos Catraeiros, realizando-se o embarque no Terreiro do Paço pelas 8 horas, seguindo depois até Belém, onde atracará num gazolina à ponte para receber os excursionistas daquela parte da cidade, devendo regressar às 20 horas ao ponto inicial do embarque.

Acompanhará a excursão um excelente grupo musical composto por elementos da Sociedade Filarmónica Verdi.

Como a comissão escolar tem de comunicar à Cooperativa dos Catraeiros, com 8 dias de antecedência, os barcos que necessita, previnem-se todos os camaradas que se queiram aproveitar deste magnífico passeio para se munirem dos respectivos bilhetes até essa data, para assim facilitarem o trabalho a esta comissão.

Os bilhetes estão à venda na administração de A Batalha, na residência do contínuo do Sindicato da Construção Civil e na Comissão Escolar. O seu preço é apenas de 10\$00, podendo ser pagos em 4 prestações de 2\$50 cada uma. As crianças de 5 a 10 anos pagam meio bilhete.

VIDA SINDICAL

C. G. T.

Conselho Confederal

Reúne amanhã, pelas 21 horas, com a mesma ordem dos trabalhos, o conselho confederal.

Câmara Sindical do Trabalho DE LISBOA

Comissão Instaladora

Reúne-se amanhã, pelas 20 horas.

Conselho Geral

Reúne-se na próxima terça-feira, para continuação dos trabalhos.

COMUNICAÇÕES

Propaganda e Organização Sindical do Alto do Pinhal

Inaugurou-se a aula de militantes na passada semana, tendo usado da palavra Guilherme Mesquita e Júlio de Carvalho, que dissertaram largamente sobre a origem e valor do sindicalismo. Foi resolvido que todos os assistentes apresentem, na próxima aula, cópias de actas, comunicações para jornais e redacção de officios. Na próxima aula dissertar-se-á sobre a falência do democrático no século XX.

Operários Municipais.—Este sindicato devia reunir-se ontem, em assembleia magna, a fim de apreciar a plataforma apresentada pela comissão de melhoramentos sobre os despedimentos do pessoal; mas, em virtude de não haver autorização do comandante da 1.ª Divisão Militar para que a reunião funcionasse foi esta proibida pela polícia.

Hoje a comissão de melhoramentos vai procurar o comandante da 1.ª Divisão, a fim de conseguir autorização para reunir-se na próxima terça-feira, 27 do corrente, pelas 21 horas.

DIAS PROXIMOS:

Sindicato Unico Mobiliário.—Na próxima terça-feira a assembleia geral, para assunto da máxima urgência.

Federação Mobiliária.—Na próxima terça-feira a comissão administrativa para assuntos importantes.

S. U. C. Civil.—Quarta-feira, pelas 21 horas, assembleia geral, para nomeação de cargos vagos na comissão administrativa; nomeação de delegados ao conselho de secções e U. P. S.; apreciação do balancete da festa que se realizou em favor do custeio dos melhoramentos na sede; apreciação de uma carta de Joaquim Cardoso; e que se prende com as limpezas da sede; apreciação de uma moção da comissão administrativa sobre um assunto importante.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

Federação da Construção Civil.—Pelas 21 horas, para continuação de trabalhos, a comissão revisora de contas.

Federação Corticeira Nacional.—Pelas 11 horas, o Conselho Federal deste organismo na sua sede em Mutela, para tratar de assuntos de grande importância, sendo indispensável a comparência de todos os delegados.

Manipuladores de Pão.—Pelas 18 horas, a assembleia geral, para tratar de diversos assuntos de interesse para a classe.

SINDICATOS DA PROVINCIA

Manipuladores de Pão do Porto.—Reúnem, em sessão magna, pelas 9 horas, na próxima terça-feira, na rua de Entreparedes, 33, para tratar de assuntos de grande interesse e de grande urgência.

Construção Civil de Linda-a-Pastora e arredores.—Reúne hoje, pelas 15 horas, em assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos:

«Eleição da comissão administrativa, que há de gerir esta Associação, em vista da direcção eleita não querer tomar posse, e a antiga comissão dar por findos os seus trabalhos no corrente mês de Julho.

Em seguida aos trabalhos da assembleia, haverá uma sessão de propaganda, à qual assistem delegados da Federação da Construção Civil e Confederação Geral do Trabalho».

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Comité Federal.—Reúnem o Comité Federal sendo apreciado o expediente que

constava de officios dos núcleos do Porto e de Evora, sendo resolvido responder. Resolveu officiar-se novamente à U. A. P., sobre a constituição dum comité pró Sacco e Vanzetti: enviar um relatório moral ao Congresso Internacional Anti-militarista e sobre o *Despertar* activar os trabalhos para a sua próxima sessão.

Núcleo do Porto.—Comissão Organizadora da II Conferência Juvenil Local.—Reúnem, pela primeira vez, esta comissão nomeada na última assembleia geral do núcleo, tomando as seguintes resoluções a-fim de levar a cabo a sua missão.

«Enviar uma circular às várias secções profissionais e mistas do núcleo do Porto, participando que se vai realizar a II conferência dos militantes juvenis, desta cidade, e pedindo a sua adesão a mesma; encarregar António L. Martins de elaborar o novo estatuto das Juventudes Sindicalistas do Porto, sendo nomeado Eduardo de Miranda para o auxiliar; encarregar José Augusto de Castro de confeccionar uma tese de interesse vital para a organização juvenil».

Por último, depois de outras resoluções de interesse, nomeou secretário-relator desta comissão Ernesto Ribeiro.

Toda a correspondência para esta comissão deve ser dirigida para a rua de Entreparedes, 33, 1.ª.

Núcleo do Porto.—Reúnem-se as comissões administrativas e de propaganda, tendo dado posse aos camaradas na última assembleia geral para preencher os lugares vagos nas referidas comissões. Foi dada posse à delegação da secção dos Manipuladores de Pão.

Foi resolvido que o secretário geral auxiliasse o secretário bibliotecário em virtude deste estar impossibilitado de exercer o cargo até Outubro, ficando por este facto, a biblioteca a funcionar, às segundas e quintas, das 21 às 23 horas.

No final foi aprovado um protesto contra o ensino religioso nas escolas.

Câmara Municipal de Lisboa

A Comissão Administrativa nomeou uma comissão constituída pelo coronel Mardel Ferreira, que será o presidente, pelo chefe de Secção das Contribuições Municipais, Augusto Branco Martins e pelo commissário adjunto da polícia ao serviço da Câmara, sr. José Marcelino Aleixo, de proceder à revisão do Código de Posturas Municipais.

A comissão administrativa deu ordem à polícia da Câmara para não deixar que andem na venda ambulante quem não estiver munida da devida licença e que as pessoas que a possuírem não lhes seja permitido estacionarem na via pública, devendo não serem renovadas as que já foram concedidas.

—Ontem, pelas 16 horas, um grupo de vendedeiras ambulantes do Largo de S. Domingos, esteve nos Paços do Concelho a-fim de tirarem licença para poderem estacionar naquela via pública. Foram recebidas pelo commissário adjunto da polícia, sr. José Marcelino Aleixo, que lhes participou que o presidente da comissão administrativa, sr. Vicente de Freitas, aguardava o regresso do vog